

FIXOU EM CÔR A BELEZA FUGIDIA

DONALD CULROSS PEATTIE


O nome de John James Audubon tornou-se um símbolo universal de proteção aos pássaros que êle tão bem conheceu e tanto amou. Mas, embora o nome seja muito familiar para todo o mundo, poucos conhecem a vida extraordinária que atrás dêle se esconde.

Êsse filho adotivo de um oficial de marinha francês, emigrando para os Estados Unidos quando o país era ainda novo e com grandes extensões de terras inexploradas, conseguiu captar para sempre a beleza de seus pássaros em pinturas feitas diretamente do natural.

Donald Culross Peattie, notável escritor e naturalista, traçou neste livro um retrato inesquecível do naturalista e pintor de escol que foi Audubon.

Condensação do livro "Singing in the Wilderness"

FIXOU EM CÔR A BELEZA FUGIDIA

VIDA CRIADORA de John James Audubon prende-se à sua paixão pelas belezas naturais de sua pátria adotiva. O seu grande legado à posteridade foi a prodigiosa obra, *As Aves da América*. Atualmente, cada exemplar dessa monumental coleção de gravuras em aquatinta vale milhares de dólares. Nos museus e bibliotecas mais importantes do mundo, 90 dos exemplares existentes são conservados como tesouros insubstituíveis de ornitologia.

Não se trata apenas de um livro sobre pássaros, mas de uma obra em quatro enormes volumes, cada um medindo um metro de altura por meio metro de largura, e contendo mais de mil ilustrações de pássaros. Essas pinturas, feitas em tamanho natural e com a mais rigorosa exatidão, constituem um dos raros casos em que se reúnem Ciência e Arte.

Para fazer tais pinturas diretamente do natural, Audubon percorreu incansavelmente todo o território selvagem norte-americano do século XIX, de Filadélfia a Nova Orleães, a pé ou com os precários meios de transporte de então. Guiado por uma visão que ninguém a não ser

sua mulher compartilhava, suportou durante a mocidade a pobreza, o ridículo e as privações físicas. Muitos dos espécimes que êle preservou em meio de tantas dificuldades estão hoje quase extintos.

Uma vez feitas as pinturas, Audubon consumiu mais 12 anos em reproduzi-las e publicá-las por sua conta, numa ocasião em que cada placa tinha de ser gravada e cada litografia era colorida à mão.

É finalmente—embora até aos 34 anos tivesse fracassado totalmente em qualquer negócio no qual se metesse—realizou verdadeira façanha ao vender, êle próprio, em suas viagens pela Europa e América, 165 exemplares de *As Aves da América*, a 1.000 dólares cada obra completa. Só por meio dessas vendas pôde êle pagar o elevado preço da publicação. A Rainha da Inglaterra e o Rei da França figuraram entre os compradores.

Hoje, até as gravuras isoladas de exemplares desemparelhados adquiriram um valor que teria assombrado Audubon; só a Gravura do Peru (que é geralmente considerada a melhor do livro) vale de 200 dólares para cima.

Poucos são os homens cujo talento e ideal perduram por um século após a morte. Nesse período, o nome de Audubon tornou-se o símbolo universal de proteção à beleza alada dos pássaros que êle tanto conheceu e amou. Porém, mais do que isso, sua vida tornou-se fonte de inspiração e estímulo para outras vidas.

A HISTÓRIA de John James Audubon é o mais brilhante exemplo de um grande ideal que triunfou à custa de energia e perseverança. Entretanto, minha grande simpatia por êle vem do meu amor àquilo que êle representa como artista, vadio, nômade, amante das aves. Êle foi tudo isso numa época em que os dignos pioneiros americanos, meus antepassados, trucidavam pombos aos milhares para engordar os porcos com os pequeninos corpos irrisados; quando os homens ateavam fogo a árvores altaneiras, últimos remanescentes das florestas virgens da zona temperada, porque não desapareciam com suficiente rapidez.

É evidente que, para uma civilização assim, tudo o que para Audubon constituía o objetivo da vida parecia absurdo. Dentre os imigrantes que procuraram a América, êle foi praticamente o único a não vir em busca de ouro, nem de terras, nem de refúgio para escapar a complicações na sua pátria. Seus motivos foram simplesmente a curiosidade e o prazer—razões tão raras e apreciáveis na América de hoje como na do seu tempo! Ficamos irritados

com o homem que parece não se interessar pelos destinos do mundo, que se importa tão pouco com a humanidade que nem sequer faz do bem-estar da família sua preocupação essencial. Por isso John James Audubon foi atirado à falência, trancado na cadeia, ridicularizado como imbecil, e as chapas de cobre de *As Aves da América* foram vendidas como sucata. Mas depois disso êle foi canonizado como santo nacional. Em Nova Orléans, onde êle e sua família quase morreram de fome, ergueram-lhe uma bela estátua, com pardais saltitando sôbre a cabeça. Ainda em vida tornou-se famoso; os jornais preocupavam-se com todos os seus atos; e muito tempo depois de sua morte os homens se orgulhavam de dizer que o tinham conhecido.

Um Menino e Seus Pássaros

AS ORIGENS de Audubon estão envôltas em mistério, mas sabe-se que êle nasceu no pôrto de Les Cayes, no Haiti. Foi adotado pelo Capitão Jean Audubon, oficial reformado da esquadra de Luís XVI. Tinha quatro anos e um bonito rosto cheio de curiosidade quando o Capitão Audubon (que havia combatido os piratas ao largo do Haiti e estava com o Almirante de Grasse no ato da rendição do General Cornwallis a George Washington, terminando assim a Guerra de Independência Americana) o levou para a velha e pacata cidade de Nantes.

As recordações que a criança guar-

dava do Haiti apagaram-se rapidamente. Mais tarde só conseguia lembrar que seu pai lhe ensinara a observar os pássaros, e que, antes de compreender que os cimos das árvores não tocavam o céu, os pássaros já eram para êle “uma loucura”: “Só os companheiros alados me agradavam.” Assim, o Capitão mostrou-se compeensivo no dia em que o garôto apareceu com meia dúzia de tordos mortos, que comprara de um camponês.

—Que é que vai fazer com isso?— indagou Germaine, cozinheira da casa.

—Vou guardá-los para poder olhar para êles.

—Hum! Não vai poder guardá-los muito tempo—predisse ela.—Uf!

—Mas eu *preciso* guardar um, porque nas árvores não consigo chegar bastante perto dêles—explicou o menino, muito sério.

O pai tirou um livro da estante:

—Veja, você poderá sempre olhar aqui os pássaros.

—Mas não será o passarinho como eu o vi—insistiu o pequeno.

E teve então a inspiração que seria o comêço de *As Aves da América*:

—Meus lápis de côr dô dia de meus anos! Eu mesmo vou fazer o retrato dêle!

Em suas memórias Audubon confessa: “Meu lápis fêz nascer uma família de aleijões.” Daí por diante, todos os anos êle jogava fora tudo o que tinha desenhado durante os últimos 12 meses e começava de novo. Por isso é que não existem

desenhos de Audubon anteriores a 1805, quando êle já tinha 19 anos. Só um artista poderia sentir-se assim coagido a destruir os desenhos que fizera com tanto trabalho e amor.

O programa de estudos do menino compreendia, além de Desenho, Inglês, Geografia, Música, Dança e Esgrima—para a época uma educação extremamente liberal. A intenção do Capitão e de sua bondosa mulher era preparar o rapaz para uma vida de aristocrata; mas não foi isso o que sucedeu: a Natureza, reivindicando-o como filho, arrastou-o para as selvas. O menino, ao esconder-se entre o capim alto para observar os maçaricos, estava-se preparando para aquelas semanas que passaria à beira do Mississípi obstruído pelo gêlo, enquanto as mercadorias que devia vender se estragavam e o fracasso financeiro se aproximava a passos rápidos. É que, em seus livros de contabilidade, Audubon registrava valores que passavam despercebidos aos outros homens. Ser livre, ser sincero, seguir uma ave na floresta ou o impulso do lápis sôbre o papel, eis o que constituía riqueza, quando tudo o mais era miséria.

Do Velho Para o Novo Mundo

A MEMÓRIA de Audubon (ou, melhor, a sua falta de memória) lançou caridosamente um véu sôbre os seus anos de estudo em Paris. Pouco sabemos do que êle fêz no *atelier* de David, o pintor oficial do Império. Que diria o clássico David do rapaz que desejava pintar os pássaros tais

como são? Teria Audubon guardado alguma lembrança fugidia do Haiti, como o grito de um papagaio, ou um vislumbre dos sabiás saltitando por entre as fôlhas? Talvez se lembrasse de Mill Grove, a fazenda de seu pai na longínqua Pensilvânia? As criaturas que a Natureza marcou como suas, sentem, de maneira irresistível, a atração por terras diferentes, *la nostalgie de partir*. Assim, talvez fôsse o próprio Audubon quem sugeriu ao pai a partida para a América... e o fato é que, em 1803, êle se encontrava na proa de um navio e as gaivotas americanas voavam a seu encontro para saudá-lo.

A América que Audubon buscava não era a mesma para a qual haviam emigrado outros homens. A êle só importavam as aves e só elas contaram na sua vida, pois nada mais tomou a sério. Até o amor, o casamento e o lar tinham para êle o mesmo sentido que têm para os pássaros: uma união, um aninhar-se aqui e ali, um vôo erradio e a segurança da volta.

Em Mill Grove o rapaz tornou-se pela primeira vez independente: era senhor de vastas terras, com uma espingarda, um cachorro e um cavalo... e as aves da América à sua disposição. Naquele tempo não se acreditava nas migrações das aves. A gente ainda pensava com Plínio que as aves hibernavam debaixo da água ou se escondiam em cavernas e ocos de árvores. Porém Audubon, observando um ninho de papa-môscas, procurou descobrir de que modo êles encontravam o caminho, por

sôbre o mar e a floresta, para chegar a um determinado ponto. Era uma coisa quase milagrosa, e êle procurou o meio de prová-la. "Então amarrei na perna de cada passarinho um fio de prata bastante folgado para não machucar, mas prêso de modo a que não pudesse ser arrancado." Era tão simples que não ocorrera a ninguém. Assim, sem saber, Audubon tornava-se o fundador da Bird Banding Society que, cem anos depois, registraria os extraordinários percursos feitos pelas aves de arribação.

A Conquista da Noiva

JEAN JACQUES vivia então horas maravilhosas. Homem embora, era dos sêres mais inocentes que a floresta já recebera no seu seio. Alegre e forte, levantava-se ao raiar do sol e passava o dia com os pássaros. Caçava e pintava. Na floresta juncada de fôlhas travou conhecimento com seu vizinho, o inglês William Bakewell; e na mansão de Bakewell, cujo alto pórtico denunciava o elevado nível social de seus moradores, descobriu a filha, Lucy Bakewell. O namôro foi franco e ardoroso. Tão pouco sensato em suas decisões, dessa vez Audubon não teve sequer de tomar decisão: foi seu instinto quem escolheu, num mundo de mulheres, aquela que, para êle, seria perfeita. E Lucy devia ter visto imediatamente quem êle era, pois que jamais, durante os anos difíceis e duros que se seguiram, tentou, por um gesto que fôsse, desviá-lo do caminho estranho que êle tinha de seguir.

Ao mandar seu filho para a América, o Capitão Audubon acariciava a esperança de fazer d'ele um homem de negócio. E, no momento, o rapaz não teve outro remédio senão concordar... ou parecer concordar. Assim, Jean Jacques tornou-se John James Audubon, cidadão da jovem República dos Estados Unidos, empregado em uma firma comercial de Nova York, na qual traduzia cartas e tratava da importação de luvas e vinhos da Europa, café e anil da África do Sul. Da Nova York de 1806-7, Audubon queixava-se de que tinha gente demais, sendo terríveis o barulho e o atropêlo. Mas seus vizinhos nova-iorquinos também se queixavam d'ele: do cheiro proveniente dos seus aposentos quando, nos momentos livres, êle empalhava espécimes de aves. O pôrto, os pântanos de Nova Jersey e Long Island eram bons campos de caça; mas o império das aves, ainda por descobrir, ficava para o oeste, atrás das Montanhas Allegheny. Ali, na grande bacia hidrográfica do continente, encontrava-se o centro das maiores migrações de aves, e a região deserta esperava o homem que, por amor, a descobrisse. Para lá se foi êle como representante e vendedor de sua própria firma, Rozier & Audubon, abrindo loja em Louisville, no Kentucky. Era uma povoação ainda primitiva, com cêrca de mil habitantes, na qual Audubon poderia ser um pioneiro do grande comércio.

Antes de lhe entregarem Lucy, exigiram que o rapaz desse provas

de seu valor, e êle pôs-se a medir jardas de fazenda, pesar fôlhas de chá, fazer o caixa e a escrituração. Em 1808 Audubon foi buscar a noiva, e Lucy enfrentou a jornada para o Oeste, que era o comêço da vida nova, com alegria e confiança. Lucy sabia quanto o marido a amava; julgava saber também quanto êle amava os pássaros, mas não adivinhava até que ponto êles poderiam arrastá-lo para longe dela. Na viagem de núpcias de 12 dias, que fizeram de barco pelo Rio Ohio, John e Lucy viram mais aves aquáticas do que eu em tôda a minha vida. O rio era uma revoada só, pois era primavera, e os gansos-bravos passavam em bandos, fugindo ao calor meridional, com destino aos lagos do norte onde, no curto verão ártico, iam acasalar-se. Lucy suportou galhardamente a estranha e exaustiva lua-de-mel, mas ficou contente quando terminou.

Vagabundo do Sertão

AGORA o idílio terminou, e a vida adquire um tom mais sério. A primeira fase da mocidade já se foi. O francês, o aristocrata, transformou-se no sertanejo que se diverte em pregar peças nos outros e se orgulha de trazer o bolsão cheio de caça. É o indolente, talhador de madeira a canivete, o andarilho que, não tolerando o cantar do galo do vizinho, anda sempre em busca de novos lugares. O pessoal de Louisville, sentado nos bancos ou nas soleiras das portas, fazia a seu respeito mil comentários: "Deixa o sócio tomando

conta da loja e vai procurar ninhos de pássaros" . . . "atirador danado; é capaz de enterrar um prego numa árvore a 50 passos" . . . "dançarino maravilhoso, meu bem, mas você não gostaria de ser a mulher dêle— nunca se sabe quando é que êle vai aparecer para as refeições, e passa dias a fio no mato" . . . "quando falam alguma coisa dêle, a espôsa olha firme para a gente, e guarda para si suas reflexões." . . . "Mas aquelas pinturas", dizia Nicholas Berthoud, francês de alta linhagem, velho amigo e cunhado de John, "aquelas pinturas são melhores que as de Baraband. Naquela pasta deve haver umas 200, e cada uma é um pássaro vivo! É, meu amigo, êle é um fenômeno da Natureza, e não há lugar que lhe sirva: para o Paraíso Terrestre está atrasado e para o Milênio está adiantado!"

Em 1810 os Audubons e Rozier mudaram-se para Henderson, também no Kentucky, esperando melhorar seus negócios numa cidade próspera. Mas Henderson, como outras comunidades americanas, alardeara mais seus projetos do que suas realizações. Contava apenas com uns 200 habitantes, abrigados num grupo de casas de madeira; suas necessidades eram escassas e primitivas, e a firma não encontrou ali a galinha dos ovos de ouro. Vendiam quase que só carne de porco, uísque e pólvora, e os dois sócios se revezavam nas viagens a fim de buscar sortimento nos lugares civilizados. Rozier, quando voltava, encontrando a

loja fechada e nem sinal de Audubon, tinha a impressão de ter feito sociedade com uma criança. Mas quando Audubon aparecia, tinha um tal jeito de sorrir e abraçá-lo, convidando-o para um banquete de peru-bravo, que a repreensão severa ficava reduzida a uma simples queixa. O seu arrependimento fazia o outro sentir-se mesquinho e mercenário. Lucy continuava com seu olhar firme, embora seus vestidos, ainda do enxoval, já estivessem desbotados e gastos. Não existe no mundo orgulho que se compare ao daqueles que tudo dão. Mas é horrível dever dinheiro, e a pobreza é dura de agüentar. Lucy já sentia quanto o marido estava longe dela; parecia-lhe até senti-lo mais próximo na beleza de suas pinturas do que quando se encontrava a seu lado. Mas êle tinha tal necessidade dela que Lucy o possuía inteiramente, e era apenas isso que desejava da vida. Não faltaria quem a julgasse vítima de uma paixão cega, mas o fato é que conseguiu da vida aquilo que queria e, em troca de sua dedicação absoluta, foi profunda e intensamente amada. Era uma mulher cheia de bom-senso, mas não senso comum.

Fracasso e Recuperação

QUANDO AUDUBON fracassou em sua emprêsa comercial, podemos imaginar quais terão sido os comentários da aldeia de Henderson. Eram os mesmos comentários que ainda hoje se fazem sôbre tipos como Au-

dubon, pois que o mundo é feito de aldeias como Henderson, embora algumas delas tenham milhares de habitantes. Mas a gente chamada sensata continua a não se deixar enganar pelos Audubons: pintor formidável, sujeito muito simpático, mas, para as coisas práticas da vida—essas coisas de que eu e você entendemos tanto . . . Porém, em que consistem ao certo essas “coisas práticas da vida”? A vida de cada um é da sua própria conta, e o fracasso de Audubon não foi nem metade do que seria o nosso, se tentássemos pintar aquelas procelárias que êle pintou.

Mesmo que Audubon tivesse fracassado, eu ainda continuaria a admirá-lo. Riam se quiserem, mas, a meu ver, os objetivos humanos não são bastante inocentes, bastante puros, nem bastante elevados. Ainda que Audubon tivesse sido um fracasso, não teria sido menor como homem. Não teria comprometido nenhuma iniciativa, parasitado em nenhuma riqueza, e teria sido fiel à sua profissão. Audubon deu tudo por aquilo que viu de mais belo—não me refiro apenas aos pássaros que pintou, mas à face da vida em sua mais risonha candura. Somos tão poucos os que identificamos a Natureza como vida! Quando a sorte nos prega alguma peça, ou quando tratamos os outros com justiça, mas sem bondade, dizemos: “Assim é a vida.” Entretanto, a vida é rija e possante semente de uma árvore, é a curva da asa de um urubu, o útero, a gavinha preênsil da videira; o canto do tordo

depois da chuva—é tudo aquilo que palpita, mas não as complicações artificiais que designamos por êsse nome. Eu só queria saber se na América de Audubon havia alguém que melhor conhecesse, amasse e servisse a vida!

Foi em 1819 que sua emprêsa comercial faliu. A justiça entrou em cena e Audubon foi para a cadeia por não poder saldar as dívidas. Uma vez falido, os credores caíram-lhe em cima como gafanhotos, arrancando-lhe tudo o que tinha. Só lhe deixaram três coisas: a espingarda, a roupa e aquela eterna pasta de desenhos. Arruinado, sem um vintém no bôlso, voltou as costas a Henderson, a Lucy e aos dois meninos (o casal tivera quatro filhos, mas no período das dificuldades morreram-lhe as duas meninas). Audubon partiu a pé para Louisville . . . “a mais triste de tôdas as minhas caminhadas, quando todos os pássaros pareciam meus inimigos e eu desviava os olhos dêles.” Mas uma porta estava aberta para êle, a de Nicholas Berthoud. Audubon deixou-se cair numa cadeira:

—Não sobrou nada! Eu não presto para nada. Você sabe de alguém que precise de um peão, de um lenhador, de quem esfole um gambá, ou pinte uma tabuleta?

—Muito bem, *mon ami*, suas habilidades são várias!

—São, e tôdas elas inúteis!

—Espere aí! Isso de pintar tabuletas . . . Você já fêz de tudo, menos aquilo para o qual nasceu. Você é um artista, por que não tira partido

disso? Lembra-se daquele retrato que pintou do chefe indígena Osage?

—*Tiens!*—exclamou John.—Isso é uma boa idéia!

A cinco dólares o retrato, a freguesia era grande. Chamavam-no para pintar uma menina de vestido novo, uma velha vovó segurando sua Bíblia, um menino deitado no caixão. Uma noite foram buscá-lo para ir a um casarão isolado, a 30 quilômetros de distância. Audubon encontrou um agonizante, cujos traços se pôs a fixar rapidamente; porém, enquanto seu lápis deslizava no papel, o pioneiro, em sua última jornada, transpunha a invisível fronteira. Tal era, naquele tempo, o afã de captar a preciosa imagem transitória que a fotografia grava hoje instantaneamente... Nessa nova profissão John ganhava em uma hora mais do que num dia inteiro vendendo no balcão. Pôde começar a remeter dinheiro para Lucy e as crianças.

Empolgado Pelo Grande Objetivo

MAS ENTÃO começou a raiar no espírito de Audubon a idéia que iluminaria toda a sua vida. O côro dos pássaros se avolumava, transformando-se num chamado ao qual êle não podia permanecer surdo. Todas as aves da América, na grande migração do outono, tomavam o rumo do sul. E Audubon também voltou as costas ao inverno, embarcando na chata que descia vagarosamente o Mississípi e chegando finalmente à Luisiana, à língua francesa, aos carvalhos, musgo e aves que até então nunca vira. Fô-

lha a fôlha, os desenhos de aves iam enchendo a pasta. Quando tivesse boa quantidade, êle estava resolvido a tentar publicá-los. Êsse era agora o objetivo único de sua vida. Das dificuldades, despesas e contrariedades que encontraria no caminho êle não fazia idéia. Mas agora acreditava em si mesmo; e Lucy, acreditando nêle e em seu destino, libertara-o da tarefa de sustentar mulher e filhos. Com escândalo da vizinhança, ela estava lecionando numa escola em Cincinnati e deixara o marido entregue aos pássaros. Sentia-se isolada entre os estranhos; seus filhos ainda eram pequenos; suas roupas estavam gastas; mas Lucy vivia de esperança. É o próprio Audubon quem nos conta: "Ela dizia que eu tinha de ser um gênio, de vez que não era nada mais."

Finalmente, em Nova Orleães, Audubon, consultando uma *Ornitologia Americana*, verificou aquilo que a intuição já lhe dizia: êle havia descoberto aves que os naturalistas desconheciam. E um novo entusiasmo—o do cientista—vibrou na alma do artista. Sentindo-se orgulhoso ao dedicar sua obra à mulher que tanto o amava, Audubon demonstrava a mais legítima das vaidades, que podia ser exibida sem receio. Gosto de imaginar a alegria que êsse homem experimentou ao embrulhar os 60 desenhos que mandou de Nova Orleães para Lucy. E ela, que terá sentido ao recebê-los? Abram-se os grandes volumes de *As Aves da América*. De repente o mundo se enche

de asas . . . como se o galo silvestre começasse a cacarejar, o pica-pau a restridular e todos os pássaros canoros a gorjear entre flôres e folhagens. Cada detalhe é traçado por mão de mestre. Nada foi atenuado ou suavizado; a fúria sanguinária do gavião, a gula da gralha, a bravura indômita das procelárias, as brigas dos pica-paus, a ternura do casal de andorinhas lado a lado no seu ninho sob uma viga do telhado. Atrevo-me a pensar que Lucy, vendo aquilo, tivesse certeza de que as aves os libertariam.

Mas então Audubon, sem nenhuma vontade de ensinar Desenho, viu-se forçado a tornar-se professor de Desenho. Suas alunas eram quase todas mocinhas ricas, que ficariam horrorizadas à simples idéia de se tornarem artistas. Audubon resumiu assim sua experiência: "Quando fores ensinar uma pessoa pretensiosa ou rica, *adula* e continua adulando . . . ou não esperes pagamento." O artista fica perplexo ao constatar que, no comércio, basta uma capacidade medíocre para conseguir lucros razoáveis, ao passo que o seu próprio talento, que parece suscitar admiração, é um mendigo obrigado a bater de porta em porta.

Audubon conseguiu que Lucy e as crianças fôsem para junto dêle em Nova Orléans, mas naquele inverno a família passou privações. Lucy, tomando em mãos a situação, arranjou para si um lugar de profes-sôra para ensinar os filhos dos aristocratas da região. John também foi

incluído no curso, ensinando Francês, Desenho, Música e Dança, embora conste que êle passava a maior parte do tempo na floresta. Seja como fôr, muitos dos seus melhores desenhos datam dessa época.

O Triunfo

FINALMENTE, em 1823, Audubon achou que já tinha desenhos suficientes para publicar. Com as pastas repletas, viajou para Filadélfia, a capital intelectual do país. Ali aguardavam-no hostilidade e rivalidade, mas também amigos que o apoiaram. Assim foi que Edward Harris lhe comprou à vista e pelo preço que o artista pediu todos os desenhos avulsos . . . primeira consagração dêsse trabalho árduo e sem igual.

Raros são os homens cuja vida gira em tórno de uma única idéia, e ainda por cima uma idéia boa. É uma diretriz infalível para qualquer um. Ao dizer isto estou pensando na maneira como florescera a vida do meu herói. Não que êle fôsse uma perfeição—era vaidoso, pessoal e artisticamente, como são tantas vêzes os espíritos criadores. Sua memória não era fiel; raramente sacrificava uma boa história em favor da verdade. Mas muitas vêzes quando era acusado de não ser fiel à Natureza, êle estava apenas perpetuando uma pilhéria como as que o advogado Lincoln gostava de fazer. Depois, também, enquanto Audubon contemplava os pássaros, estava começando a revolução industrial, sem que êle desse atenção a êsse problema

que preocupava todos os espíritos da época. Em vez disso, chamava a atenção do mundo para os pássaros canoros que pairavam em êxtase entre os espinheiros em flor.

Até então Audubon só recebera ajuda daqueles que lhe eram próximos, mas daí em diante iria gozar do apoio e da amizade dos homens importantes e ricos de dois continentes. Instaram com êle para que levasse seus desenhos à Europa, onde seriam mais apreciados e as gravuras mais bem executadas. Essa viagem tornou-se o objetivo central de sua vida e, finalmente, embarcou com a bênção de Lucy e as economias que ela acumulara durante dois anos.

Dêsse ponto em diante Audubon entrou na Idade de Ouro dos seus triunfos. Seus desenhos foram exibidos em Londres, onde o pintor, com seu cabelo comprido, o olhar penetrante de águia, e o casaco de pêlo de lobo, chamava a atenção por sua figura singular. A exposição foi concorridíssima e rendeu-lhe cem libras esterlinas líquidas. O famoso gravador Lizars folheou os desenhos até que seus olhos se detiveram na cascavel atacando os tordos dos remedos no ninho.

—MeusDeus!—exclamou.—Nunca vi coisa igual!

E, depois de examinar tôda a obra, declarou:

—Sr. Audubon, esta gente daqui ainda não o conhece, mas fique certo de que *irá* conhecê-lo!

As cartas seguintes mostram o pulo que deu o termômetro: “Tenho sido

agradado, festejado, eleito membro honorário de associações, ganhado dinheiro com a exposição e com a venda de pinturas. É Sr. Audubon para cá, Sr. Audubon para lá. Só espero que o Sr. Audubon não acabe ficando bôbo e presunçoso.” Outra carta envolvia uma caixinha, da qual caiu um broche de ouro, o mais fino de Princes Street, a rua das joalherias. (Imagino que Lucy tenha ficado mais contente pelo prazer que o marido tivera ao fazer essa compra do que pelo presente em si.) E a carta dizia: “A multidão não consegue nem entrar nas salas de exposição da Royal Society; um perito avaliou o desenho do peru-bravo em cem guinéus; Lorde Elgin ergue-se para fazer um brinde a Audubon; Sir Walter Scott manda chamá-lo e acolhe-o calorosamente.” A obra *As Aves da América* ia ser impressa e afluíam os assinantes para adquiri-la antecipadamente. Levando no bôlso o dinheiro que a Rainha pagara pela sua assinatura, Audubon lançou-se à conquista de Paris. Não encontrou dificuldade, visto que sua obra trazia a aprovação do grande Cuvier, do Duque de Orléans e de Charles Lucien Bonaparte.

O regresso de Audubon aos Estados Unidos foi um verdadeiro triunfo; o país que o rejeitara rastejava agora diante do seu sucesso nas capitais européias. Os jornais noticiavam tudo que lhe dizia respeito, e publicavam relatos de suas explorações pelo Labrador, Texas, Flórida e Wyoming. O Presidente Jackson

orgulhou-se em apertar-lhe a mão. Coleções preciosas lhe eram franqueadas, e ofereceram-lhe um iate para suas expedições pelos rios.

Passou o resto de sua vida no campo, ou na Europa superintendendo a publicação de suas obras. Os últimos anos foram tranqüilos, rodeado pela mulher e filhos, em sua casa à beira do Rio Hudson. E ali, já um senhor venerável, teve a satisfação de receber a visita do seu antigo sócio, Rozier—que também se tornara um patriarca, tão importante em Misúri como Audubon em Londres ou Paris. E os dois juntos foram carinhosamente hospedados em Nova York pelo velho e fiel amigo Nicholas Berthoud.

Muito antes que a alma lhe fugisse do corpo, o crepúsculo baixou sôbre Audubon, velando-lhe o espí-

rito. Sabia que sua Lucy e seus robustos filhos estavam ali. Por vêzes iam levar-lhe mais homenagens, mas êle não as percebia. Até que as asas da morte fizeram do crepúsculo escuridão. Foi um instante fugaz, o de morrer, e depois veio uma longa imortalidade. A vida que êle viveu não desapareceu do mundo. Aquilo que êle amou continua aqui: a asa do sanhaço, o ovinho do pintarroxo caído na relva nova debaixo do carvalho. O que êle extraiu daquilo que amou continua vivo e imortaldouro. A vida é terra santa. E por ela caminhou John James Audubon, com seu passo de sertanejo, aventurando-se por trilhas desconhecidas, sem perder nunca um brilho de asanos arbustos, exultando com o dom da própria vida, transmitindo-a aos outros como um criador.



Histórias de Marcianos

UM MARCIANO desembarca na Terra, vai até uma bomba de gasolina e ordena:—Leve-me ao seu chefe... Um marciano desembarca em Paris, vê Brigitte Bardot e, com a lâmpada elétrica do globo ocular cintilando furiosamente, ordena:—Leve-me ao seu chefe—mais tarde... Dois marcianos desembarcam em Washington e um dêles pergunta a um hidrante próximo:—Para que lado fica a Casa Branca?—Meu Deus—ronca o outro marciano—não pergunte a êle. Ainda é um menino pequeno... Um marciano desembarca numa cidade pequena e sossegada, no silêncio da noite, entra num bar vazio, vai até à eletrola automática com luzes faiscantes e lâmpadas iridescentes, e pergunta:—Escute aqui, que é que uma garôta bacana como você está fazendo neste fim de mundo?

—E. E. Kenyon, em *The American Weekly*